



O CINEMA COMO FERRAMENTA DE CONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO: um estudo de caso em uma cidade do interior de Goiás (2011-2012)

Sílvia Sobral Costa
Graduanda em História
Universidade Federal de Goiás
silviasobralcosta@gmail.com

RESUMO

Segundo Macedo (2009, p. 13-14) “não resta dúvida de que desde sua invenção [...] o cinema constitui um veículo de promoção da memória”. Bergan (2009, p. 11) afirma que o cinema não é simplesmente entretenimento, mas é a “sétima arte”; possui a capacidade de reformular o tempo e o espaço. A sua ausência, além de privar os indivíduos do acesso a novos conhecimentos, frustra os mesmos da possibilidade de ampliar seu imaginário através de novas perspectivas. De acordo com Calvo et al. (2005, p. 22) alguns “filmes questionam a nossa realidade cotidiana e tem por objetivo propor novos paradigmas comportamentais [...] buscando a mudança de usos e costumes [...]”. Para Napolitano (2009, p. 10-31) o cinema “é uma das mais fortes experiências sociais para a sociedade de massas”. Em meados do século XX, muitas cidades do interior do Brasil possuíam ao menos uma sala de cinema. Nos anos 80 e 90 estas salas desapareceram dando lugar a igrejas ou outros empreendimentos. Segundo o site Tela Brasil (2015) no ano de 1985 “O cinema acompanha a crise financeira do país. As 1400 salas que resistem recebem 90 milhões de espectadores, 1/3 do público da década anterior”. Muitas cidades ainda hoje não possuem cinemas, como é o caso da cidade alvo deste estudo. Em 2011-12 foi realizado nas dependências da Faculdade Evangélica de Goianésia, Goiás o projeto “Cinecult: 130 anos de cinema” que além da exibição e debate de obras representativas da história da sétima arte visou ainda fazer um levantamento entre os universitários da referida instituição da sua relação com o cinema. Esta comunicação tem como objetivo a apresentação de parte dos dados obtidos com os questionários que dentre outras questões indagava qual a importância de ir ao cinema para o público universitário daquela cidade.

PALAVRAS CHAVES: Cinema. Imaginário. História Cultural.

INTRODUÇÃO

Segundo José Rivair Macedo (2009, p. 13-14) “não resta dúvida de que desde sua invenção [...] o cinema constitui um veículo de promoção da memória”. Ronald Bergan (2009, p. 11) afirma que o cinema não é simplesmente entretenimento, mas é a “sétima arte”; possui a capacidade de reformular o tempo e o espaço. A sua ausência, além de privar os indivíduos do acesso a novos conhecimentos, frustra os mesmos da possibilidade de ampliar seu imaginário através de novas perspectivas.

Diferentes formas de acesso a filmes são uma realidade nos dias atuais. Segundo Bernardo Jefferson de Oliveira (2006) existem



[...] outras formas de veiculação dos filmes e interação entre os meios e as linguagens, pois, alternativamente às salas de cinema, os filmes são veiculados na programação televisiva ou em vídeos e DVDs e, mais recentemente, por meio de computadores. A legenda, que era um limitador da audiência de filmes estrangeiros, é substituída pela dublagem nas reapresentações em canal aberto.

Mas assistir um filme não é a mesma experiência de ir ao cinema. Segundo Pablo Villaca (2015) “do ponto de vista psicológico a experiência de ver um filme no cinema não se compara a experiência de assistir um filme em casa”. A sala de projeção possui toda uma estrutura física e tecnológica que tem como objetivo final propiciar que o expectador submerja no filme, o que obviamente não é possível em sua própria sala. Segundo Ismail Xavier (1983) “a estrutura do filme [...] tem afinidades diretas com estruturas próprias ao campo da subjetividade. Reproduzindo, atualizando determinados processos e operações mentais, o cinema se torna inteligível e, ao mesmo tempo, vai ao encontro de uma demanda afetiva que o expectador traz consigo.” Experiência esta só alcançada em situações adequadas para tal, como no cinema.

De acordo com Cristiane Calvo et al. (2005, p. 22) alguns “filmes questionam a nossa realidade cotidiana e tem por objetivo propor novos paradigmas comportamentais [...] buscando a mudança de usos e costumes ultrapassados [...]”. Para Marcos Napolitano (2009, p. 10-31) o cinema “é uma das mais fortes experiências sociais para a sociedade de massas”. Concordando com estes autores podemos perceber como a experiência do cinema é importante na formação do imaginário de uma população. Entendendo-se “por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando um sentido ao mundo” (Sandra Jatahy Pesavento, 2012, p. 43). Segundo Oliveira (2006)

Como em várias outras partes do mundo, o cinema se tornou uma das formas culturais mais significativas da sociedade brasileira [...], transformou-se numa instância formativa poderosa, criando novas práticas e ritos urbanos. O cinema se tornou um amplo empreendimento industrial, que envolvia revistas, moda, produtos de beleza e discos, e infundia estilos de vida.

Ainda segundo Oliveira (2006) embora tenha perdido parte de sua importância com o advento de outras mídias ele “ainda detém um poder enorme e continua mobilizando cifras e audiências monumentais, para as quais segue vendendo estilos de vida, construindo e legitimando determinadas identidades sociais e desautorizando outras.”



29/04 a 01/05/2015
Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Cidade de Goiás

() Pequena

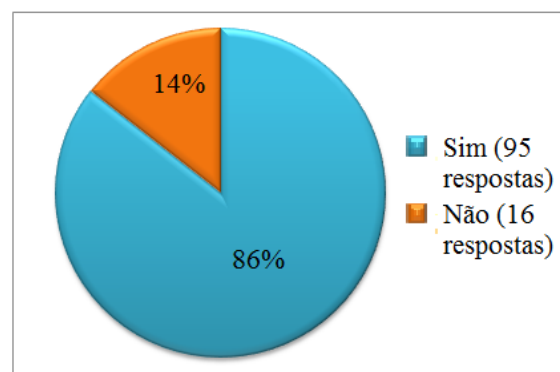
() Nenhuma

Os dados foram tabulados, analisados e discutidos a seguir.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A primeira questão do formulário foi sobre o acesso dos alunos ao cinema, tendo em vista que as salas de projeção mais próximas são em Goiânia (175 km) e na cidade de Anápolis (141 km). Dos 111 questionários aplicados, 95 estudantes (86%) disseram que já foram ao cinema e 16 (14%) disseram que nunca assistiram a um filme em uma sala adequada de projeção (Gráfico 1). Estes dados são representativos da realidade do interior do Estado. Mesmo estando relativamente próximo às cidades com salas de projeção o acesso ainda é limitado. Oliveira (2006) citando Louro (2000) afirma que a importância do cinema foi muito grande na metade do século passado no Brasil. “Por volta dos anos 40, o hábito de ir ao cinema tornou-se de tal forma popular, que em cidades [...] como Rio de Janeiro ou São Paulo, 80 % da população frequentava as salas de exibição pelo menos uma vez por semana”. Os pontos que podem ser levantados para se entender este fato são que a ausência de cinema na cidade é um sério limitador de acesso, mesmo entre adultos de nível universitário.

Gráfico 1: Respostas dadas a pergunta “Você já foi ao cinema?” em 111 questionários aplicados à universitários da cidade de Goianésia-Go como parte do Projeto “Cinecult: 130 anos de cinema” nos anos de 2011/12.



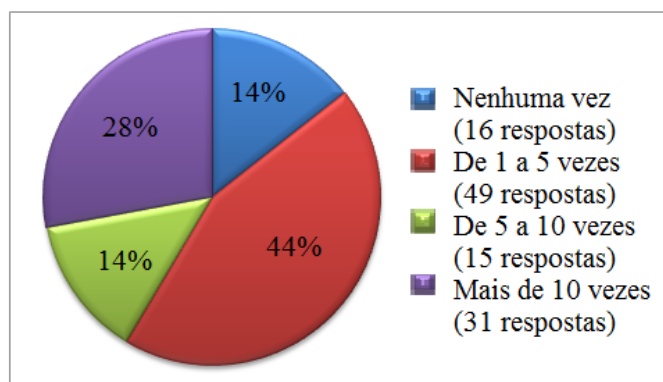
A segunda questão (Gráfico 2) refere-se à frequência com que estas pessoas vão ao cinema. Quarenta e nove respostas (44%) indicam que os estudantes em questão foram raras



29/04 a 01/05/2015
Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Cidade de Goiás

vezes ao cinema – de uma a cinco vezes. Ou seja, 65 entrevistados (58%) nunca foram ou foram menos de 5 vezes ao cinema. Neste caso fica claro que este grupo não utiliza, ou utiliza em baixa intensidade, o cinema com fonte de informação, diversão e formação de imaginário. Quarenta e seis pessoas (44%) já foram ao cinema mais de cinco vezes. Mesmo para as entrevistados com acesso um pouco maior o cinema ainda não faz parte da sua realidade no dia a dia.

Gráfico 2: Respostas dadas a pergunta “Se você já foi ao cinema, quantifique” em 111 questionários aplicados universitários da cidade de Goianésia-Go como parte do Projeto “Cinecult: 130 anos de cinema” nos anos de 2011/12.

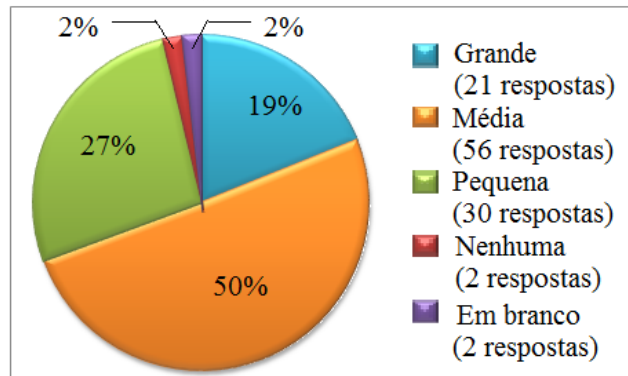


No Gráfico 3 é apresentada a tabulação da resposta da importância do cinema na vida do estudante. É uma pergunta subjetiva, que visa analisar uma relação íntima e pessoal do entrevistado com esta forma de arte. Vinte e uma pessoas (19%) consideram o cinema muito importante em suas vidas. Metade dos entrevistados (56 respostas) considera que a sétima arte tem uma importância média. Ao se somar as duas primeiras respostas, temos que 69% dos estudantes afirmam que o cinema é importante em suas vidas. Considerando que os questionários foram aplicados em uma cidade que não tem sala de projeção este é um percentual elevado. Um fato bastante interessante foi detectado: entre as pessoas que nunca foram ao cinema, sete consideraram que o mesmo tem média importância em suas vidas e uma considerou muito importante. Isso mostra que o potencial para público existe, mas a oferta e o preço não respondem a esta demanda.

Esta questão não aborda o fato dos estudantes assistirem a filmes, mas sim de terem acesso a esta forma especial de vê-los que é o cinema.



Gráfico 3: Respostas dadas a pergunta “Qual a importância do cinema em sua vida?” em 111 questionários aplicados universitários da cidade de Goianésia-Go como parte do Projeto “Cinecult: 130 anos de cinema” nos anos de 2011/12.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referencial bibliográfico aborda a importância do cinema na formação do imaginário. Com os dados obtidos podemos ir além e colocar o próprio cinema como parte do imaginário além de formador do mesmo. Ir ao cinema continua sendo uma atitude impar e especial, um tempo reservado, apesar de todas as atividades do dia a dia, para a interação única e marcante entre cada espectador e a obra apresentada. Esta percepção é tão forte que mesmo quem nunca a teve admite sua importância.

Mesmo com a enorme e variada gama de formas de se ver um filme, o ato de ir ao cinema ainda é importante. O público existe e está espalhado por todo país. O que falta é o acesso à experiência única de imersão propiciada pela sala do cinema.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BERGAN, RONALD. *Guia Ilustrado de Cinema*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009. p. 510.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=22&u1=1&u2=1&u4=1&u5=1&u6=1&u3=34>>. Acesso em fevereiro de 2015.

CALVO, CRISTIANE; ODDONE, HUGO RAMÓN BARBOSA e NASCIMENTO, MARIA ROSÁLIA do. *Cinema e ajustamentos criativos*. Campinas: Editora Livro Pleno, 2005. p. 169.

CREATIVE COMMONS. *Tela Brasil*. Disponível em <<http://www.telabr.com.br/timeline/brasil>> Acesso em fevereiro de 2015.



MACEDO, JOSÉ RIVAIR. Cinema e Idade Média: Perspectivas de abordagem. In: MACEDO, JOSÉ RIVAIR e MONGELLI, LÊNIS MÁRCIA (Org.). *A Idade Média no Cinema*. São Paulo: Aletti Editorial, 2009. p. 13-48.

NAPOLITANO, MARCOS. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 250.

OLIVEIRA BERNARDO JEFFERSON de. *Cinema e imaginário científico*. [História, Revista Ciências, Saúde](#). Print version ISSN 0104-5970. vol.13. Rio de Janeiro. Oct. 2006 disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702006000500009>> acesso em fevereiro de 2015.

PESAVENTO, SANDRA JATAHY. *História e História Cultural*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2012. p. 128.

VILLACA, PABLO. *A diferença entre cinema x home vídeo*. Vídeo disponível em <<http://www4.cinemaemcena.com.br/diariodebordo/?p=1943>> Acesso em fevereiro de 2015.

XAVIER, ISMAIL. Org. *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilmes, 1983. p. 239.